

**Projeto Nossas Vilas, Vieiras e Quintais
Resgate da História – Núcleo Ipiranga**

Objetivo/Ação

3. Realizar de modo comunitário o resgate da história socioambiental dos núcleos habitacionais em área urbana - Conjunto Prestes Maia, Vila Sacadura Cabral e Núcleo Ipiranga para reconhecer o ambiente e as transformações ambientais ocorridas
 - A. Encontros de memória - uma oficina aberta em cada núcleo urbano
 - B. Dois encontros da memória com grupos específicos (mulheres e jovens) em cada núcleo
 - D. Entrevistas individuais com moradores mais antigos dos 3 núcleos urbanos

Atividades realizadas

- I. Encontros de Memória no Núcleo Ipiranga em 07 e 30 de maio de 2016.
- II. Encontros de Memória com Mulheres do Núcleo Ipiranga (23/03/16)
- III. Encontros de memória com grupo de Jovens – Núcleo Ipiranga (19 e 22/05/16)
- IV. Encontro de Memória no Conjunto Prestes Maia – 06 de agosto de 2016.
- V. Entrevistas com moradores/as

Resumo das atividades

Foram realizadas as oficinas do processo do registro da história das comunidades, tendo como foco principal o Núcleo Ipiranga. Para esta atividade contamos com a mediação da facilitadora Andressa Siqueira, que percorreu todo o núcleo acompanhada da equipe do projeto. Os relatórios dessas oficinas e evidências seguem logo abaixo.

Também foi realizada uma parceria com a EMEIEF Madre Teresa de Calcutá e com o Centro de Formação Profissional João Amazonas, ambos equipamentos da Prefeitura de Santo André que oferecem ensino fundamental para adultos no período noturno. A primeira atividade ocorreu no dia 30 de maio com a turma da EJA da EMEIEF citada, e a segunda oficina está agendada para o início deste trimestre. É importante enfatizar que esta foi uma demanda da Secretaria de Educação, a partir de um contato inicial feito com a diretoria do Departamento de Educação de Jovens e Adultos, onde foi relatada a experiência bem-sucedida de parceria com a EMEIEF José do Prado para realização de oficinas de história com alunos da EJA. A coordenação da EJA da região viu neste trabalho uma oportunidade de trabalhar o tema da história local e da apropriação de espaços públicos dentro da sala de aula, ou seja, o projeto já está tendo um retorno da comunidade sobre a relevância do trabalho que vem sendo realizado.

Outros dois encontros foram realizados com grupos focais de Jovens e Mulheres da comunidade.

Para enriquecer o trabalho, também foram realizadas entrevistas com moradores/as antigos da comunidade. Ao final segue relatório das mesmas.

MOVIMENTO DE DEFESA DOS DIREITOS DE MORADORES EM NÚCLEOS HABITACIONAIS – MDDF

à Encontros de Memória no Núcleo Ipiranga em 07 e 30 de maio de 2016.

Relatório de Atividades - Encontros de memória – Oficina com a comunidade
Núcleo Habitacional Ipiranga
Data: 07/05/2016
Facilitadora: Andressa Siqueira – Atividade de resgate da memória socioambiental

Objetivos:

Realizar de modo comunitário o resgate da história socioambiental do núcleo habitacional Ipiranga para reconhecer o ambiente e as transformações ocorridas.

Público Alvo:

Esta oficina teve como público alvo moradores do núcleo habitacional Ipiranga. Participaram da atividade 11 pessoas da comunidade (conforme lista de presença).

Mobilização:

Foi realizada mobilização por meio da fixação de cartazes na comunidade, em locais de grande circulação e pela entrega de convites em mãos aos moradores de toda a comunidade do Ipiranga I e Ipiranga II.

Metodologia:

A oficina teve como metodologia a apresentação e a complementação de uma linha do tempo da comunidade, que foi construída no encontro de memória com as mulheres. A linha do tempo, ao ser apresentada aos participantes foi validada e complementada e foram destacados pontos importantes nos aspectos positivos e negativos.

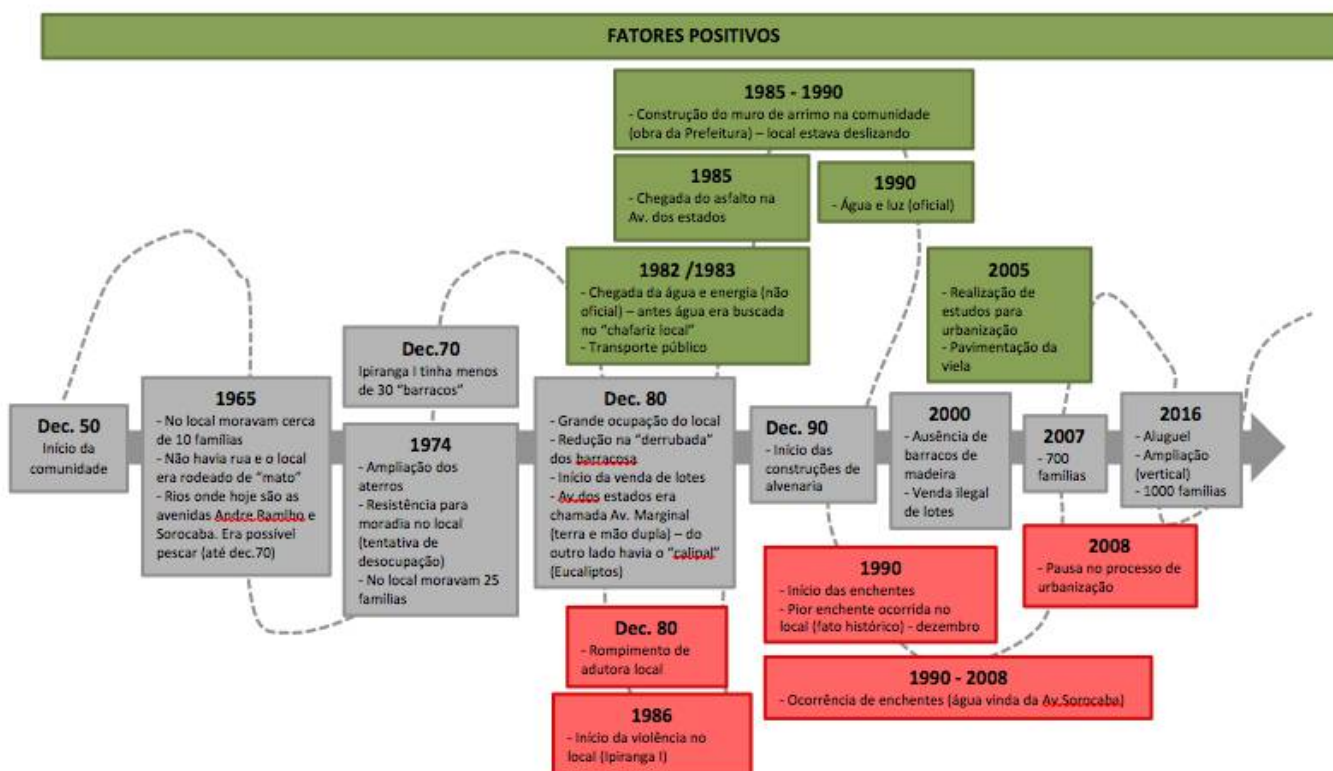
Ao longo das ações, a mediadora buscou incentivar a participação de todas as pessoas e temporalizar cada uma das informações fornecidas.

Todas as informações surgidas ao longo das atividades foram anotadas em painel que pôde ser visualizado por todos.

Resultados:

Os resultados da oficina em pauta serão apresentados por meio da linha do tempo do núcleo habitacional Ipiranga e da tabela dos pontos destacados na oficina nos aspectos sociais, ambientais e políticos.

1. Linha do Tempo – História do núcleo habitacional Ipiranga



MOVIMENTO DE DEFESA DOS DIREITOS DE MORADORES EM NÚCLEOS HABITACIONAIS – MDDF



Pontos destacados na oficina

Aspectos Sociais	<p>Foram destacados os aspectos sociais referentes às questões do dia a dia da comunidade, no passado e no presente, como o fato da comunidade ter uma vida mais tranquila no passado quando era possível pescar nos rios locais e caçar rã, ações não mais possíveis na atualidade. No entanto, segundo os participantes, a infraestrutura observada no presente é mais favorável, com destaque para a questão da água e luz oficial, uma vez que no passado a água era buscada no “chafariz” local, o que era penoso para os moradores.</p> <p>Também foi abordado o tema da urbanização do local, tema de luta da comunidade ao longo de muitos anos. De acordo com os participantes, um projeto de urbanização foi elaborado em 2007 e o processo parou em 2008. Os participantes da oficina se dividiram em relação a esse tema, grande parte, gostaria de ver a urbanização do local, principalmente para ter a documentação do seu imóvel, necessária para muitas ações (como financiamentos), já outros, não querem sair da comunidade e tem receio de que sejam retirados pelo processo de urbanização.</p>
Aspectos Políticos	<p>Foram destacados os aspectos políticos referentes à resistência da comunidade no que concerne às tentativas de remoção na década de 70 e na luta da comunidade para urbanização do local, processo iniciado em 2005 com os estudos e cessado em 2008 por questões políticas, segundo os presentes.</p> <p>Foi falado também sobre a organização da comunidade no passado, onde os moradores eram mais atuantes e participativos e todas as conquistas da comunidade tiveram como base a organização e luta comunitária. Como destaque, foi citada a figura do Sr. Reinaldo que era muito respeitado e atuante.</p> <p>De acordo com os moradores, a comunidade desanimou das mobilizações e lutas comunitárias nos anos 2000 quando houve a venda ilegal de lotes e muitos moradores sentiram-se enganados (a priori essa venda contou com a participação de lideranças da época)</p>
Aspectos Ambientais	<p>Foram destacados os aspectos ambientais referentes a alteração do ambiente. No passado o local era rodeado de “mato” e havia rios onde hoje é a Av. Sorocaba e Av. André Ramalho, também havia nascentes no entorno da comunidade. Os participantes também citaram que o local era um grande “brejo”. Esse cenário ambiental do passado permitia a comunidade o desenvolvimento da pesca e outras atividades voltadas ao lazer e subsistência, como, por exemplo coleta de rã.</p> <p>As enchentes também foram destacadas, principalmente no período de verão entre os anos de 1990 e 2008. Sendo a pior enchente a ocorrida em dezembro de 1990. Os participantes informaram que as enchentes não se devem ao aumento das águas do Rio Tamanduateí, mas sim da “descida” da água da Avenida Sorocaba.</p>

Aspectos positivos e negativos da comunidade

Além da validação e ampliação da linha do tempo apresentada foi possível identificar os aspectos positivos e negativos, históricos ou atuais da comunidade

Aspectos positivos	<p>Todos os presentes na oficina concordaram que a chegada da água e luz oficiais na década de 1990 foi o aspecto positivo histórico mais importante para comunidade, pois representou a vitória de uma luta de 10 anos e facilitou a vida do moradores.</p> <p>Atualmente, o que os presentes destacaram como melhor aspecto da comunidade foi a “paz” local, uma vez que, de acordo com eles, no local não há uso de drogas e nem violência.</p> <p>Outro ponto destacado como positivo foi a localização da comunidade, que fica próxima ao centro da cidade.</p>
---------------------------	--

Aspectos negativos	Como aspecto negativo histórico é destaque na comunidade da enchente de dezembro de 1990 quando muitas casas encheram de água a uma altura de 1,5m. Na atualidade, como aspecto negativo, foram citados o tráfego da Avenida dos Estados que já foi responsável por diversos atropelamentos e o tráfego da Rua Ipiranga que atualmente é mão dupla não havendo espaço para passagens dos carros e nem estacionamento dos mesmos, tornando o local perigoso.
---------------------------	--

Conclusões:

A Oficina foi realizada de forma satisfatória uma vez que atingiu seu objetivo principal de validar e complementar a linha do tempo da comunidade, construída previamente.

As informações obtidas na oficina foram de grande qualidade uma vez que foram identificadas características históricas da comunidade, bem como aspectos positivos e negativos marcantes para os participantes no que se refere às questões políticas, sociais e ambientais.

Todos os participantes tiveram uma ação expressiva nas atividades e contribuíram para o levantamento das informações por meio de uma reflexão coletiva acerca da sua realidade e da sua história.

A oficina contou com a participação de moradores antigos, que puderam contribuir em muito para o histórico da comunidade.

Relatório de Atividades - Encontros de Memória
Oficina na educação formal – Educação de Jovens e Adultos (EJA)
EMEIEF Madre Tereza de Calcutá – Parque João Ramalho
Data: 30/05/2016
Facilitadora: Andressa Siqueira – Atividade de resgate da memória socioambiental

Objetivos:

Realizar de modo comunitário o resgate da história socioambiental do núcleo habitacional Ipiranga e sua região para reconhecer o ambiente e as transformações ocorridas.

Público Alvo:

Esta oficina teve como público alvo alunos dos diversos níveis da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Participaram da atividade 28 pessoas conforme lista de presença.

Mobilização:

A atividade foi planejada em reunião com a diretoria da escola no dia 12 de maio de 2016. Neste dia, o MDDF apresentou o Projeto Nossas Vilas, Vielas e Quintais aos presentes e falou sobre os encontros de memória.

Junto à diretoria da escola foi confirmada a presença de alunos do Núcleo Ipiranga e região, matriculados na EJA.

A escola demonstrou interesse na oficina e optou pelo desenvolvimento da atividade junto aos seus alunos. A mesma foi agendada para o dia 30 de maio de 2016.

Metodologia:

A oficina teve como metodologia o desenvolvimento de um bate-papo sobre os aspectos socioambientais da região, do passado e do presente, e a construção de uma linha do tempo da comunidade.

Ao longo das ações, a mediadora buscou incentivar a participação de todas as pessoas e temporalizar cada uma das informações fornecidas.

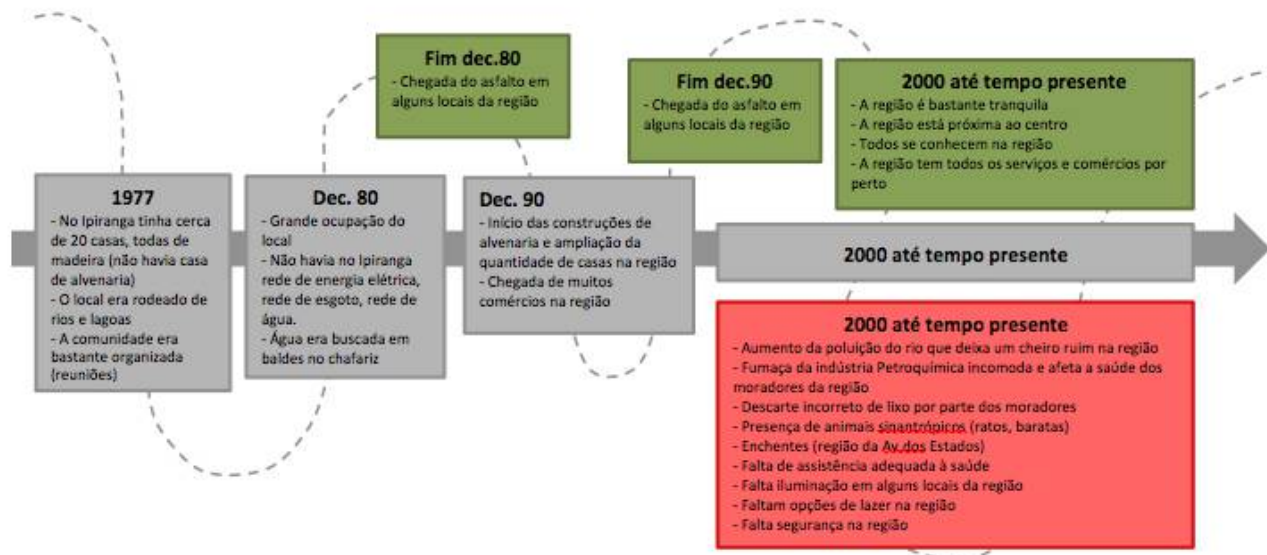
Todas as informações surgidas ao longo das atividades foram anotadas em painel que pôde ser visualizado por todos.

Resultados:

Os resultados da oficina em pauta serão apresentados por meio da linha do tempo do núcleo habitacional Ipiranga e região e da tabela dos pontos destacados na oficina nos aspectos sociais, ambientais e políticos.

1. Linha do Tempo – História do núcleo habitacional Ipiranga e região

FATORES POSITIVOS



FATORES NEGATIVOS

Pontos destacados na oficina

Aspectos Sociais	Foram destacados os aspectos sociais referentes às questões do dia a dia da comunidade, no passado e no presente, como o fato da infraestrutura observada no presente ser mais favorável, com destaque para a questão da água, luz, esgoto, asfalto, comércios e serviços próximos. Também foram apontados aspectos negativos relativos a infraestrutura como: falta de iluminação em alguns locais, falta de um bom atendimento à saúde, falta de opções de lazer a problemas com assaltos
Aspectos Políticos	Foram destacados os aspectos políticos referentes à organização da comunidade no passado, onde os moradores eram mais atuantes e participativos e constantemente havia reunião para discussão e definição de pontos comuns à comunidade, o que hoje não ocorre mais.
Aspectos Ambientais	Foram destacados os aspectos ambientais referentes a alteração do ambiente. No passado o local era rodeado de rios e lagoas que não são mais observados hoje. Foram citados problemas ambientais mais recentes como enchentes, poluição do Rio Tamanduateí, fumaça do Polo Petroquímico, descarte incorreto de lixo pelos moradores, presença de animais sinantrópicos (ratos e baratas). Muitos desses problemas causam incomodo aos moradores da região e/ou interferem negativamente na saúde dos mesmos.

Aspectos positivos e negativos da comunidade

Além da construção da linha do tempo foi possível identificar os aspectos positivos e negativos, atuais da comunidade, uma vez que os presentes não tinham grande conhecimento histórico da região.

Aspectos positivos	Os presentes destacaram como melhor aspecto da comunidade a “tranquilidade” da região, uma vez que todos conhecem o local. Outro ponto destacado como positivo foi a localização da comunidade, que fica próxima ao centro da cidade e tem comércios e serviços por perto.
Aspectos negativos	Como aspecto negativo, foi destaque a falta de infraestrutura de atendimento à saúde, falta de iluminação e falta de lazer no local. Também foram destacadas a falta de segurança, uma vez que, de acordo com os presentes, tem ocorrido assaltos na região.

Conclusões:

A Oficina foi realizada de forma satisfatória uma vez que atingiu seu objetivo principal de construir uma linha do tempo da região do Núcleo Ipiranga;
Não foi possível obter um denso histórico da região como um todo, uma vez que muitos participantes não eram residentes antigos da região, no entanto, o equilíbrio entre moradores mais novos e antigos e entre pessoas de diversas idades permitiu a troca de informações de maneira satisfatória;
Durante a oficina foi possível debater sobre os aspectos positivos e negativos da região no que se refere às questões políticas, sociais e ambientais, principalmente da atualidade;

Fotos

Oficina de 07 de maio de 2016



Oficina de 30 de maio de 2016



II. Encontro de Memória com Mulheres do Núcleo Ipiranga (23/03)

Encontro realizado com a mediação de uma facilitadora que está acompanhando todo o processo de resgate de memória do Núcleo Ipiranga e acompanhando toda a mobilização e também realizando entrevistas com moradores antigos da comunidade.

Relatório de Atividades - Encontros de memória – Oficina com as Mulheres
Núcleo Habitacional Ipiranga
Data: 23/03/2016
Facilitadoras: Solange – Atividade de confecção de chaveiro de feltro Andressa Siqueira – Atividade de resgate da memória socioambiental

Objetivos:

Realizar de modo comunitário o resgate da história socioambiental do núcleo habitacional Ipiranga para reconhecer o ambiente e as transformações ocorridas e, e paralelo, desenvolver uma atividade comemorativa ao mês das mulheres (oficina de confecção de chaveiro de feltro).

Público Alvo:

Esta oficina específica teve como público alvo as mulheres moradoras do núcleo habitacional Ipiranga. Participaram da atividade sete mulheres.

Nome	Tempo de moradia na comunidade
Maria	24 anos
Nilda	36 anos
Neide (Rosineide)	50 anos
Edna	40 anos
Rosana	22 anos
Sandra	16 anos
Carol	16 anos

Metodologia:

A oficina teve como metodologia iniciar uma aproximação com as participantes por meio da atividade de confecção de chaveiro de feltro e, em seguida, utilizando a conversa informal como ferramenta metodológica, foram coletadas informações sobre a comunidade e suas transformações socioambientais ao longo do tempo no intuito de colher subsídios para construção de uma linha do tempo da comunidade, destacando pontos importantes nos aspectos positivos e negativos, uma vez que a construção coletiva da referida linha do tempo demandaria um tempo maior que o disponível. Também foram identificados os nomes dos moradores mais antigos da comunidade e das mulheres de atuação histórica de destaque.

Ao longo das ações, a mediadora buscou incentivar a participação de todas as pessoas e temporalizar cada uma das informações fornecidas.

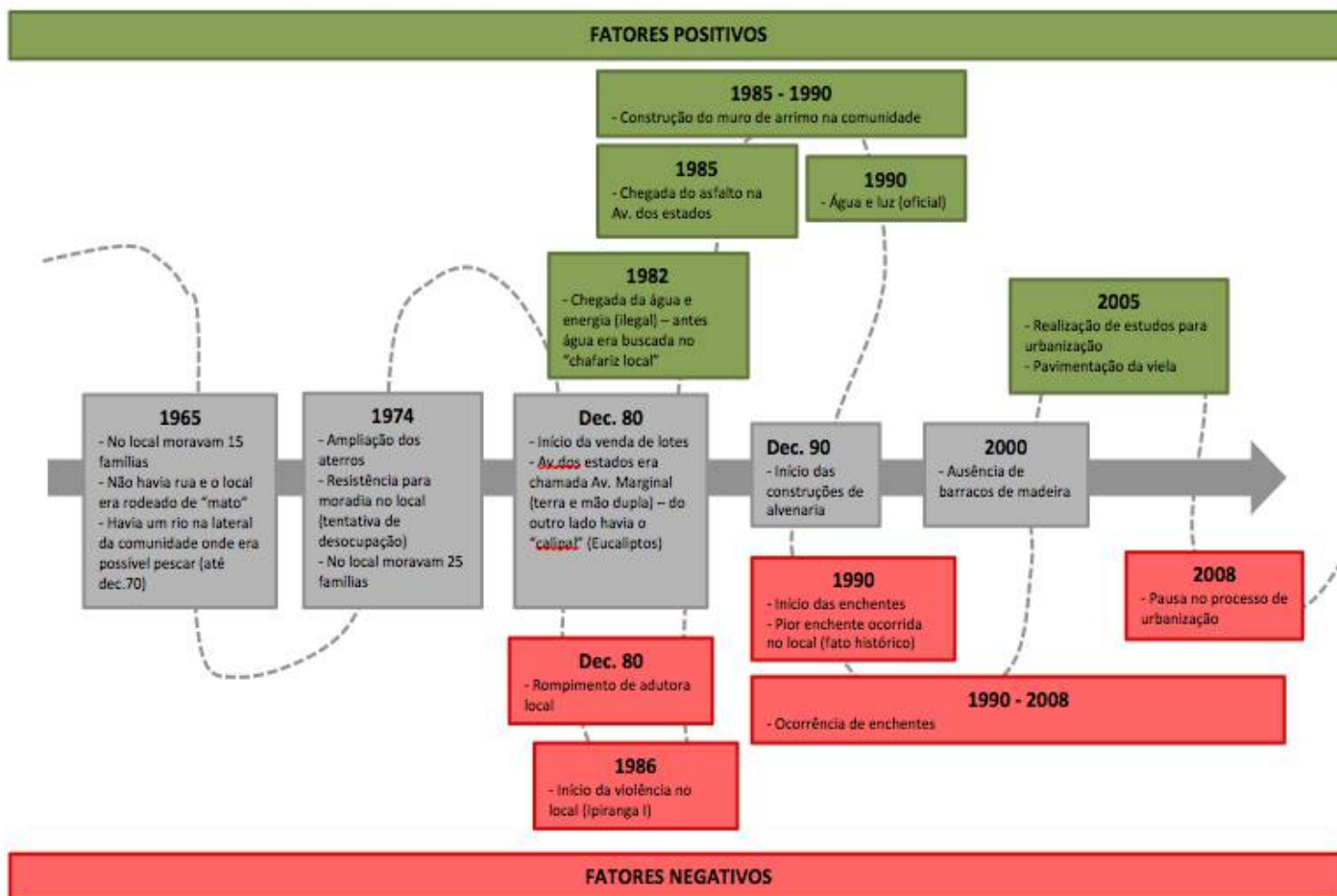
Todas as informações surgidas ao longo das atividades foram anotadas em painel que pôde ser visualizado por todos. Ao final da oficina, as anotações foram repassadas e validadas pelos presentes.

MOVIMENTO DE DEFESA DOS DIREITOS DE MORADORES EM NÚCLEOS HABITACIONAIS – MDDF

Resultados:

Os resultados da oficina em pauta serão apresentados por meio da linha do tempo do núcleo habitacional Ipiranga, da tabela dos pontos destacados na oficina nos aspectos sociais, ambientais e políticos e da tabela de personalidades da comunidade.

1. Linha do Tempo – História do núcleo habitacional Ipiranga



Pontos destacados na oficina

Aspectos Sociais	Foram destacados os aspectos sociais referentes às questões do dia a dia da comunidade, no passado e no presente, como o fato da comunidade ter uma vida mais tranquila no passado quando era possível pescar, caçar, brincar na rua, plantar e fazer "pic-nic" nas margens do rio, ações não mais possíveis na atualidade. No entanto, segundo os participantes, a infraestrutura observada no presente é mais favorável, com destaque para a questão da água e luz, uma vez que no passado a água era buscada no "chafariz" local, o que era penoso para os moradores.
Aspectos Políticos	Foram destacados os aspectos políticos referentes à resistência da comunidade no que concerne às tentativas de remoção na década de 70 e na luta da comunidade para urbanização do local, processo iniciado em 2005 com os estudos e cessado em 2008 por questões políticas, segundo os presentes. Também foi citada a atuação política da antiga comissão de moradores com destaque para a figura do Sr. Reinaldo que era muito respeitado e atuante, inclusive desenvolvendo ações de educação ambiental na comunidade. Além de Sr. Reinaldo, e anterior a ele, foram citados o Sr. Arnaldo e Sr. Zé Carlos.

Aspectos Ambientais	<p>Foram destacados os aspectos ambientais referentes a alteração do ambiente. No passado o local era rodeado de “mato” e ao lado oposto a Avenida dos Estados (antiga Av. Marginal) havia um plantação de eucaliptos (calipal) rica em fauna, segundo os presentes na oficina, além da presença de rios e nascentes no entorno da comunidade. Esse cenário ambiental do passado permitia a comunidade o desenvolvimento da pesca, caça e agricultura voltada ao lazer e subsistência.</p> <p>Ainda hoje, de acordo com os participantes, muitas casas da comunidade ainda abrigam nascentes em atividade.</p> <p>As enchentes também foram destacadas, principalmente no período de verão entre os anos de 1990 e 2008.</p>
----------------------------	--

Personalidades de destaque na comunidade

Além da construção da linha do tempo e da atividade de confecção de chaveiros de feltro foi possível identificar os nomes dos moradores mais antigos da comunidade bem como das mulheres de atuação histórica destacada.

Moradores mais antigos	<p>Arnaldo (Ipiranga II) Antonia (Ipiranga II) – vive na comunidade há mais de 50 anos Rita (Ipiranga II) Rosineide (Ipiranga II) Teresa (Ipiranga II) – foi muito atuante José (Ipiranga II) – foi muito atuante Lurdes (Ipiranga II) Joana (Ipiranga II) Matilde (Ipiranga I)</p>
Mulheres de destaque	<p>Lurdes Neide Marcia Julia Rita Teresa Helena</p>

Conclusões:

A Oficina foi realizada de forma satisfatória uma vez que atingiu seu objetivo principal de coletar dados para construção de uma linha do tempo.

As informações obtidas na oficina foram de grande qualidade uma vez que foram identificadas características históricas da comunidade, bem como aspectos positivos e negativos marcantes para os participantes nos que se refere às questões políticas, sociais e ambientais.

Todos os participantes tiveram uma ação expressiva nas atividades e contribuíram para o levantamento das informações por meio de uma reflexão coletiva acerca da sua realidade e da sua história.

A atividade de confecção de chaveiro de feltro foi realizada com sucesso, todos os presentes puderam fazer seus chaveiros, sem grande dificuldade.

A oficina serviu também como instrumento para identificação de moradores antigos a serem abordados em etapa posterior do trabalho, bem como para identificação de mulheres de atuação comunitária histórica e relevante.

Foto da Oficina



III. Encontros de Memória com grupo de Jovens – Núcleo Ipiranga (19 e 22/05)

Foram realizadas duas oficinas com jovens do Núcleo Ipiranga. O projeto recebeu apoio muito importante do proprietário da loja de tintas/grafite da comunidade, onde muitos jovens de lá e do entorno frequentam e apoiam atividades artísticas e culturais. Esse fato de ter a loja de grafite e também de o projeto contar com atividades de pintura e grafite com um artista voluntário, foram fatores importantes que conseguiram agregar vários jovens às oficinas, que aconteceram junto das atividades de transformação de espaços.

Relatório de Atividades - Encontros de memória – Oficina com jovens
Núcleo Habitacional Ipiranga
Data: 19/05/2016 e 22/05/2016
Facilitadora: Andressa Siqueira – Atividade de resgate da memória socioambiental

Objetivos:

Verificar o conhecimentos dos jovens acerca da história socioambiental do núcleo habitacional Ipiranga no intuito de verificar se os mesmos reconhecem o ambiente e as transformações ocorridas.

Público Alvo:

Esta oficina teve como público alvo jovens do núcleo habitacional Ipiranga. Participaram um total de 18 pessoas da comunidade e entorno, conforme listas de presença.

Mobilização:

Foi realizada mobilização por meio da fixação de cartazes na comunidade, em locais de grande circulação e pela entrega de convites em mãos aos moradores de toda a comunidade do Ipiranga I e Ipiranga II, visando os dois encontros realizados. Em adição, para o evento de 22 de maio de 2016 foram fixadas faixas pelo bairro.

Metodologia:

A oficina com os jovens foi dividida em duas etapas, ambas relacionadas com uma ação de intervenção do bairro e mobilização da comunidade – a oficina de grafite para jovens e adultos.

A primeira etapa, realizada em 19 de maio de 2016, consistiu em um encontro com os interessados na Oficina de Grafite, onde foi realizado um bate-papo sobre a história da comunidade, o

MOVIMENTO DE DEFESA DOS DIREITOS DE MORADORES EM NÚCLEOS HABITACIONAIS – MDDF



planejamento da atividade prática de grafiteagem, e a inscrição para ações previstas para o dia 22 de maio.

A segunda etapa, realizada em 22 de maio de 2016, consistiu na Oficina prática de Grafite e, antes da oficina, os participantes foram reunidos e foi retomada a história do local e da comunidade com todos os presentes.

Resultados:

Participaram jovens e adultos não apenas moradores do Ipiranga I e Ipiranga II, mas também da região como um todo, considerando o bairro Parque João Ramalho com área mais abrangente.

Ao longo dos dois encontros, nas conversas sobre a história da comunidade e do local, os jovens, de maneira geral, demonstraram desconhecimento da história local, no que concernem as mudanças socioambientais observadas ao longo do tempo, bem como desconhecimento sobre a organização e luta da comunidade.

Mesmo quando nascidos no local e, portanto, muitos residentes há mais de 20 anos na região, os jovens não conheciam o histórico local. Neste sentido, a presença de adultos, moradores antigos na região, permitiu a troca de informações sobre a história do local, o que foi demasiadamente válido para atividade.

Em adição, a facilitadora apresentou um resumo das informações colhidas nas atividades de levantamento de dados históricos, oficina com mulheres e oficina com a comunidade, no intuito de despertar nos jovens um maior interesse no conhecimento da realidade do espaço onde vivem.

Os resultados dos encontros realizados são apresentados por meio da tabela dos pontos destacados na oficina nos aspectos sociais, ambientais e políticos e também pelas imagens das intervenções feitas pelos participantes da Oficina de Grafite.

Pontos destacados na oficina

Aspectos Sociais	Foram destacados os aspectos sociais referentes às invasões do passado, que representaram o início da ocupação do local, além das tentativas de desocupação de antigamente, quando a polícia derrubava os barracos, esse fato foi lembrado por um jovem e complementado pelos adultos, moradores mais antigos. Alguns jovens também lembraram da escola local que era feita de madeira e não de alvenaria, um indicativa do quando a região se alterou ao longo do tempo que eles vivenciaram. Nesse sentido, os adultos presentes citaram as casas de madeira (barracos) que aos poucos foram dando lugar às construções de alvenaria.
Aspectos Políticos	Foi discutida a falta de uma organização formalizada no local como, por exemplo, uma associação de bairro. Esse tema foi questionado pelos jovens e alguns adultos presentes, moradores há longo tempo na região, informaram que antigamente a comunidade é mais participativa e, por esse motivo, mais organizada e que a dificuldade na obtenção de conquistas fez as pessoas desanimarem. Como exemplo, foi abordada a luta pela urbanização do local.
Aspectos Ambientais	Foram destacados os aspectos ambientais referentes a alteração do ambiente. Foi citada a presença de grandes lagos no passado, pois o local era rodeado de “mato” e “lago”. Os adultos, moradores mais antigos, contaram aos jovens presentes sobre as praticas comuns de caça e pesca nos rios que havia no local. Alguns jovens lembraram e citaram as enchentes que ocorreram no local há anos atrás, sendo essa a uma memória ambiental destacada por eles na oficina.

Conclusões:

A Oficina foi realizada de forma satisfatória uma vez que atingiu seu objetivo principal de avaliar o conhecimento dos jovens sobre a história local.

As atividades permitiram ver que a maioria dos jovens da região desconhece a história do local. Apenas alguns possuem memórias pontuais em relação às enchentes, ocupação local e infraestrutura.

Todos os participantes tiveram uma ação expressiva nas atividades e contribuíram para as intervenções realizadas e para a troca de informações entre jovens e adultos sobre a história da comunidade.

A síntese da história local apresentada aos jovens pelos adultos, moradores mais antigos, e pela facilitadora, foi recebida pelos jovens com muita curiosidade, o que denota que novas ações com esse público necessitam ser efetivas, para que os mesmo passem a ter maior envolvimento com as questões comunitárias.

Fotos da atividade



↻. **Encontro de Memória no Conjunto Prestes Maia – 06 de agosto de 2016.**

Relatório de Atividades - Encontros de memória – Oficina na educação formal – Educação de Jovens e Adultos (EJA)
CPFP João Amazonas – Jardim Rina/Alzira Franco
Data: 08/06/2016
Facilitadora: Andressa Siqueira

Objetivos:

Realizar de modo comunitário o resgate da história socioambiental do Parque Capuava e região para reconhecer o ambiente e as transformações ocorridas.

Público Alvo:

Esta oficina teve como público alvo alunos dos diversos níveis da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Participaram da atividade 39 pessoas conforme lista de presença.

Mobilização:

A atividade foi planejada em reunião com a diretoria da escola no dia 25 de maio de 2016. Neste dia, o MDDF apresentou o Projeto Nossas Vilas, Velas e Quintais aos presentes e falou sobre os encontros de memória.

Junto à diretoria da escola foi confirmada a presença de alunos do Parque Capuava e região, matriculados na EJA.

A escola demonstrou interesse na oficina e optou pelo desenvolvimento da atividade junto aos seus alunos. A mesma foi agendada para o dia 08 de junho de 2016.

Metodologia:

A oficina teve como metodologia a exibição de um documentário sobre as favelas de Santo André e o trabalho do MDDF, além do desenvolvimento de um bate-papo sobre os aspectos socioambientais da região, do passado e do presente, e a construção de uma linha do tempo da comunidade.

Após exibição do documentário foi iniciado o bate-papo e ao longo das ações, a mediadora buscou incentivar a participação de todas as pessoas e temporalizar cada uma das informações fornecidas.

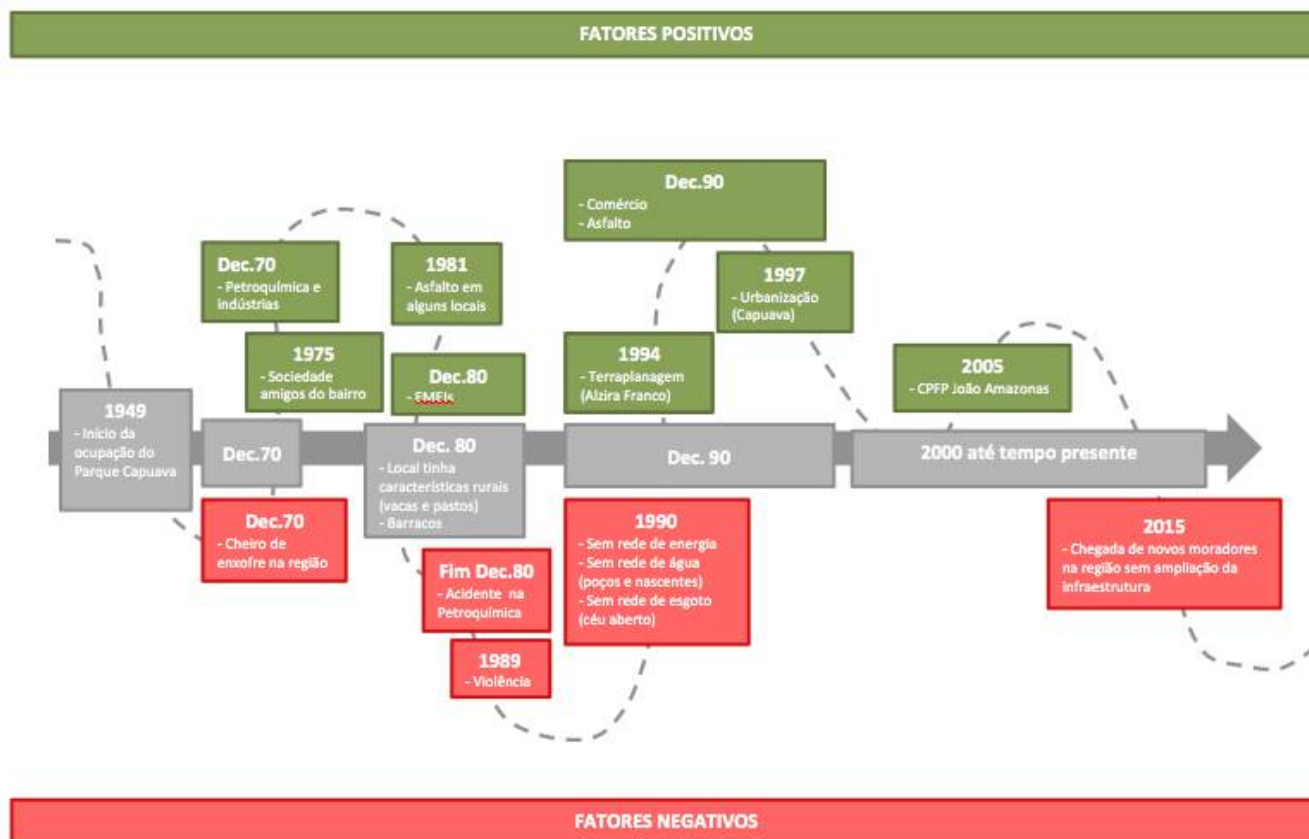
Todas as informações surgidas ao longo das atividades foram anotadas em painel que pôde ser visualizado por todos.

Resultados:

Os resultados da oficina em pauta serão apresentados por meio da linha do tempo do núcleo habitacional Ipiranga e região e da tabela dos pontos destacados na oficina nos aspectos sociais, ambientais e políticos.

MOVIMENTO DE DEFESA DOS DIREITOS DE MORADORES EM NÚCLEOS HABITACIONAIS – MDDF

Linha do Tempo – História do núcleo habitacional Ipiranga e região



Pontos destacados na oficina

Aspectos Sociais	Foram destacados os aspectos sociais referentes às questões do dia a dia da comunidade, no passado e no presente, como o fato da infraestrutura observada no presente ser mais favorável, com destaque para o processo de urbanização do Capuava que trouxe água, luz, esgoto, além do asfalto, comércios e serviços próximos que foram chegando com o tempo. Também foram apontados aspectos negativos relativos a infraestrutura, em uma análise da situação recente como: falta de água, falta de segurança, falta de posto de saúde e necessidade de ampliação do transporte público.
Aspectos Políticos	Foi destaca a criação da Sociedade Amigos do Bairro no passado e, mais atualmente foi comentada a política habitacional, pois na região estão chegando muitos moradores e não há nenhuma ação para melhoria da infraestrutura do local.
Aspectos Ambientais	Foram destacados os aspectos ambientais referentes a alteração do ambiente, destacando que no passado a região tinha características rurais, era composta de fazendas onde o gado pastava livremente. Foi citada a chegada das indústrias e petroquímicas e o cheiro forte de enxofre que havia no passado devido a emissão das empresas. Também foi comentada a poluição do Rio Tamanduateí. Como problemas ambientais mais recentes foram citados: descarte indevido de lixo (no rio e outros locais) e também a poluição.

Aspectos positivos e negativos da comunidade

Além da construção da linha do tempo foi possível identificar os aspectos positivos e negativos, atuais da comunidade.

MOVIMENTO DE DEFESA DOS DIREITOS DE MORADORES EM NÚCLEOS HABITACIONAIS – MDDF

Aspectos positivos	Os presentes destacaram diversos aspectos positivos da região e, aparentemente, os presentes gostam de viver no local. Dentre os aspectos positivos foram destaque: corredor verde, tranquilidade do local, presença de comércio e serviços, transporte, feira pública, escolas, delegacia, hospital da mulher, campo de futebol e parques próximos.
Aspectos negativos	Como aspecto negativo, foram destacados: a falta água, poluição, o descarte indevido de lixo (rios e outros locais), a falta de segurança, falta de posto de saúde e necessidade de ampliação do transporte público.

Conclusões:

A Oficina foi realizada de forma satisfatória uma vez que atingiu seu objetivo principal de debater os aspectos socioambientais do local e construir uma linha do tempo da região do Parque Capuava; Não foi possível obter um denso histórico da região como um todo, uma vez que muitos participantes não eram residentes antigos da região, no entanto, o equilíbrio entre moradores mais novos e antigos e entre pessoas de diversas idades permitiu a troca de informações de maneira satisfatória; Durante a oficina foi possível debater sobre os aspectos positivos e negativos da região no que se refere às questões políticas, sociais e ambientais, principalmente da atualidade; O documentário exibido permitiu que muitos presentes reconhecessem seus espaços e pares da comunidade.

A diretoria da escola e os professores colaboraram e foram ativos ao longo de toda a atividade;

A escola convidou uma professora que já tinha feito um resgate histórico da região e essa colaborou com imagens e depoimentos.

Fotos



◇. Entrevistas com moradores/as

Entrevistada: Rita Emília da Silva	
Comunidade: Ipiranga	
Nascimento: 28/06/1952	Telefone de contato: 44758574

Informações Gerais

- A entrevista foi realizada em 19 de abril de 2016, teve duração aproximada de 1h30 e seguiu roteiro de questões pré-definido.
- A entrevistada foi Dona Rita, moradora da comunidade do Ipiranga, mais especificamente do Ipiranga II, que reside na comunidade há 43 anos.
- Inicialmente a entrevistada não aceitou tirar fotos, mas ao final da entrevista, permitiu que fosse fotografada.
- A entrevista teve áudio gravado, com permissão da entrevistada.

Síntese da entrevista

Você sabe me dizer quando a comunidade começou e como foi?

A entrevistada não soube informar sobre a origem da comunidade, mas ressaltou que chegou ao local em 1973 e que nessa época já havia cerca de 50 pessoas. Ressaltou que houve uma família pioneira que ocupou o espaço, citando nomes de algumas pessoas dessa família (Sr. Francisco, Sr. Clemente e Sr. Sebastião).

Há quanto tempo você mora na comunidade?

A entrevistada chegou ao local em 1973, vinda do Ceará, para viver com o marido que havia chegado no local pouco antes dela, vindo do Paraná, onde trabalhava e de onde teve indicação para seguir para Santo André.

D. Rita ressaltou na entrevista as precárias condições de vida que teve ao chegar no local e seu descontentamento em ter saído do Ceará, onde tinha uma “vida boa” perto da condição que viveu inicialmente no local. Segundo a entrevistada, teve que morar em um barraco muito precário com plásticos frágeis como cobertura e dormir em cama forrada apenas com papelão. Relata que passou muito frio em diversas noites e que por muitas vezes foi necessário acender fogueira dentro do barraco, ficando temerosa de ver tudo pegar fogo.

“A vista do que eu vim pra cá eu sou rica. Quando eu cheguei eu não tinha um prato pra comer, eu não tinha uma cama pra eu dormir. Eu dormia em uma cama de antigamente que o cara deixou, que chamava patente, era aquela de varão de ferro, eu jogava um lençol de chita que era o forro da minha cama. Pra dormir de noite eu fazia fogo dentro de casa por causa do frio que fazia. Quando eu cheguei aqui fazia geada. Pra poder dormir fazia fogo, sem ter uma blusa, sem ter um cobertor, sem ter um colchão. E o fogo ali, com medo de morrer queimado. Hoje tenho minha casa, como pobre tenho tudo que preciso”

Como era o local quando você chegou?

Na época (anos 1970) só havia no local barraco sem nenhuma infraestrutura, não tinha água nem luz e a prefeitura não deixava ocupar o local e nem construir.

A água era coletada nas minas locais, pois havia muita “mina de água” e há até hoje.

O local era só mato, morro e água. O local era um pesqueiro de rã e também tinha muito peixe cascudo. Alguns moradores moravam em cima de água, fazendo suas casas elevadas. Não havia rua e asfalto, era tudo barro.

Segundo a entrevistada o Rio Tamanduateí já era sujo, poluído pelas indústrias locais. E além desse rio havia outros menores (córregos) no local que hoje não existem mais.

Toda a área era rodeada de plantas, de “mato”, e havia árvores frutíferas e leguminosas nos locais e os moradores se alimentavam desses recursos locais.

“Nós cozinhávamos com lenha, nos íamos buscar lenha para cozinhar. Sabe aquele negócio de fazer um feixão de lenha? Botava na cabeça e trazia para cozinhar”

Quais foram as maiores mudanças que você observou na comunidade ao longo dos anos?

Com o tempo os moradores foram aterrando a área, usando muitas vezes borra de ferro de uma empresa que havia no local e assim foram chegando cada vez mais pessoas que foram ocupando os espaços e assim a comunidade foi crescendo.

No passado (não datado) nos rios que havia no local tinha extração de areia para venda e no lado oposto da Av. dos Estados tinha no local um lixão de onde as pessoas pegavam materiais para ir construindo suas casas.

Nos anos 1980 os moradores conseguiram que a prefeitura fizesse uns chafarizes no local para captação de água e, em seguida, a organização dos moradores e pressão no poder público permitiu a chegada da rede de água na comunidade (1982). Essa mesma organização dos moradores pleiteou a luz no local que também chegou na década de 1980.

No que se refere à organização dos moradores e conquistas de melhorias, a entrevistada citou o Sr. Reinaldo como figura relevante da comunidade. Atualmente o mesmo não reside mais no local, mas foi uma pessoa que batalhou com os moradores, organizou a comunidade e conseguiu muitas coisas.

A entrevistada ressaltou que as casas de alvenaria foram construídas depois dos anos de 1980 e que a atual casa dela, de alvenaria, foi construída em 1990.

“Quando eu cheguei aqui eu chorava dia e noite porque eu queria ir embora. Depois a gente comprou esse barraquinho e estou até hoje”

“Quando eu cheguei isso aqui não tinha dono, era só mato”

Existe alguma coisa que você pode destacar como a maior conquista da comunidade ou algo de melhor que aconteceu?

Para a entrevistada a maior conquista da comunidade foi conseguir permanecer no local, pois foram muitas as tentativas da prefeitura para tirar os moradores (cita a época do prefeito Lincoln Grillo). Segunda ela, tudo no local foi luta dos próprios moradores, todas as conquistas de infraestrutura.

Existe alguma coisa que você pode destacar como a pior coisa que a comunidade passou?

A pior coisa que a comunidade passou, segundo a entrevistada, foi o fato da prefeitura querer remover os moradores.

No entanto, a entrevistada também citou as enchentes que eram frequentes no local, sendo a pior ocorrida em 1984 ou 1985 onde ela perdeu tudo. Ressaltou que as enchentes só cessaram em 2010 após a construção do “piscinão”.

“Era enchente de você não sair nem fora de casa, perder tudo. Não tinha comida, perdemos comida, cama, até os documentos. Foram várias enchentes, depois do piscinão de Mauá que melhorou”

O que tem de bom em morar aqui?

O melhor de morar no local é que a comunidade cuida dela mesmo. Até na hora de se vender ou alugar uma casa isso não é feito para qualquer um. No local todo mundo se conhece e se ajuda. Não há violência.

“Os vizinhos são gente fina e isso já é bom. Não tem esse tipo de coisa de que aqui tem bandido e não posso sair e ter certeza que vou achar minha casa inteira, não tem, porque aqui é tudo família. Então o bom daqui é isso, não tem marginal, aqui não. Esse pedaço eu digo de coração, não tem. Nós mesmos somos família, todo mundo, e todo mundo conhece todo mundo”

O que tem de ruim em morar aqui?

O ruim do local é o fato de não ter ainda ocorrido a urbanização e os moradores não terem documentos das suas casas. E também o cheiro ruim do Rio Tamanduateí e os ratos que são frequentes no local.

“Falta um negócio chamada urbanização, pra gente ter o direito de pagar e falar: eu vou morrer e deixar isso aqui para meu filho. Embora pelo uso capião já é da gente, a gente queria uma coisa mais firme, um documento, pra eu falar: esse aqui é meu, tá aqui. A gente estava lutando, mas não deu nada”

Foto da entrevista



Entrevistado: José Pardino Pereira	
Comunidade: Ipiranga	
Nascimento: 12/05/1953	Telefone de contato: 44012804

Informações Gerais

- A entrevista foi realizada em 19 de abril de 2016, teve duração aproximada de 1h00 e seguiu roteiro de questões pré-definido.
- O entrevistado foi o Senhor José, morador da comunidade do Ipiranga, mais especificamente do Ipiranga II, que reside na comunidade há 38 anos.
- O entrevistado não é muito comunicativo e até certo ponto, demonstra ser uma pessoa tímida.
- A entrevista teve áudio gravado e foi fotografada, com permissão do entrevistado.

Síntese da entrevista

Você sabe me dizer quando a comunidade começou e como foi?

O entrevistado não soube informar sobre a origem da comunidade, mas ressaltou que chegou ao local em 1978 e que nessa época só havia barraco. Acredita que os primeiros moradores são da década de 1970 e se estabeleceram próximo onde hoje é a Av. dos Estados (Ipiranga II).

Há quanto tempo você mora na comunidade?

O entrevistado chegou ao local em 1978, vindo do Paraná para trabalhar em Santo André. Estabeleceu-se no local onde hoje fica o restaurante Habib's, pois trabalhava na Tecelagem de Guilherme Jorge que era o proprietário das terras locais (entorno do Ipiranga) e colocou-o para morar lá e tomar conta do terreno. Foi morar, de fato, no Ipiranga em 1983.

Como era o local quando você chegou?

De acordo com o entrevistado, quando ele chegou ao local, em 1978, tudo era caminho de barro e toda área era “mato” e lagoa (alagado). O local era um grande brejo, não tinha água e nem luz, nenhum estrutura e só havia algumas poucas casas, todas barracos. Não tinha transporte público e os moradores do local iam ao centro da cidade a pé.

Do outro lado do Rio Tamandateí tinha um eucaliptal (calipal) que ele tomava conta, pois era área do seu patrão (Guilherme Jorge). E na região havia outros rios também.

Onde hoje é a Av. dos Estado era uma rua de terra, de uma pista com pontes de madeira.

“Quando eu cheguei não tinha nada, só algumas casas ali embaixo. Começou de lá pra cá. Só algumas casas, barracos. Depois chegou bastante gente em 1980. A turma ia chegando e aterrando e fazendo barraco, fazia de papelão, madeirite, tudo que era tipo, de lona, e foi indo”

“O rio passava bem aqui, mais aqui onde é o Habib’s (referindo-se ao Rio Tamanduatei). Era um brejão. Sabe aquela lagoa? Só esses meio aqui de cima que era uma terra mais firme aí chegou umas pessoas e foi jogando lata e de terra, entulho. Firme mesmo só era aqui em cima, em baixo mesmo era água, era lagoa”

Quais foram as maiores mudanças que você observou na comunidade ao longo dos anos?

Segundo o entrevistado os próprios moradores e as pessoas que foram chegando é que aterraram a área e fazendo seus barracos. Tudo era “mato e barro”. Foi na década de 1980 que chegou muita gente no local e ocupou, nada era vendido. Segundo o entrevistado, nessa época a prefeitura deixou ocupar.

As casas de alvenaria foram sendo feitas no final de década de 1990, tempo em que foi chegando a água e a luz no local. Segundo o entrevistado os barracos acabaram apenas em 1997 ou 1998. O asfalto chegou apenas em 1998 no local e a Av. dos Estados foi asfaltada em 1991 ou 1992, o entrevistado não soube datar.

Ainda em relação à infraestrutura o entrevistado citou que a prefeitura fez um muro de arrimo no local há cerca de 15 ou 20 anos e também asfaltou a viela onde ele reside, no entanto, o material acabou no meio da obra e os moradores concluíram sozinhos.

O entrevistado destacou o Sr. Reinaldo como personagem importante para comunidade e para a conquista da melhoria de infraestrutura, inclusive resalta que foi ele que conseguiu a água para a comunidade. Cita que ele era a pessoa que corria atrás de tudo que a comunidade precisava, o “braço direito” das pessoas, e que organizava reuniões com a comunidade.

O entrevistado destacou que na década de 1990 (citou o ano de 1996, sem certeza) houve um movimento de cobrança dos terrenos realizado pelo irmão do Paulo Maluf (nome não citado) que se dizia proprietário do local, no entanto, para o entrevistado a área do Ipiranga sempre foi da prefeitura. Segundo o Sr. José, o irmão do Paulo Maluf montou, na época, um escritório na casa do Sr. Reinaldo e muita gente chegou a pagar pelo terreno, até que o vereador Montorinho interferiu e a cobrança parou. Após esse episódio, o Sr. Reinaldo se mudou da comunidade e o entrevistado não sabe dizer qual foi o motivo.

“Não tinha nada, era rua de terra, tudo terra, não tinha nada. Era mato, rio, só mato mesmo”

“Não tinha água, não tinha luz. Água tinha nas bicas, nas minas, era nos baldes, pegava nos baldes pra usar”

Existe alguma coisa que você pode destacar como a maior conquista da comunidade ou algo de melhor que aconteceu?

Para o entrevistado a maior conquista da comunidade foi a infraestrutura com chegada das redes de água, luz, esgoto e construção das casas de alvenaria, sendo destaque o Sr. Reinaldo como pessoas da comunidade que possibilitou essas conquistas.

Existe alguma coisa que você pode destacar como a pior coisa que a comunidade passou?

A pior coisa que a comunidade passou, segundo o entrevistado, foi viver sem nenhuma infraestrutura, no mato, no barro, sem luz, sem água.

“O momento de difícil pra nós aqui é que não tinha estrutura, tudo lama mesmo, barro. Isso aqui tinha barraco de papelão, de tudo quanto é tipo. As dificuldades nossas eram essas. A gente não tinha energia e acendia aquele lampiãozinho a gás a noite”

O que tem de bom em morar aqui?

O melhor de morar no local é a localização da comunidade, perto do centro, rodeada de serviços, com linhas de ônibus; além da vizinhança que é como uma família e da segurança que o local tem porque um morador zela pelo outro.

“Hoje eu moro do centro da cidade. A região é muito boa. É uma região boa de morar, os vizinhos da gente são pessoas boas. Se eu saio daqui, aqui fica fechado e tranquilo. Nós temos que preservar, porque toda vizinha nossa é uma família, um olha a coisa do outro”

O que tem de ruim em morar aqui?

O ruim do local é o fato de não ter ainda ocorrido a urbanização porque falta planejamento do espaço local. Além disso, a insegurança dos moradores não terem documentos das suas casas é um fator negativo para o entrevistado.

Nesse sentido, o Sr. José cita que um processo de urbanização foi iniciado e parou. Ele

conhece o projeto de urbanização do local e por mais de uma vez já teve equipe fazendo medição em sua casa com foco no projeto de urbanização.

“Se viesse a urbanização mesmo, aí a coisa ia melhorar. Isso é que é a melhoria daqui, isso que tá precisando”

Foto da entrevista



Entrevistada: Josiane Itamar Messias Alves	
Comunidade: Ipiranga	
Nascimento: 19/09/1978	Telefone de contato: 961968877

Informações Gerais

- A entrevista foi realizada em 30 de maio de 2016, teve duração aproximada de 1h00 e seguiu roteiro de questões pré-definido.
- A entrevistada foi Joseane, moradora da comunidade do Ipiranga que reside no local há 37 anos
- A entrevistada é filha do Sr. Arnaldo, um dos pioneiros da ocupação do local e, desta maneira, pôde dar um perfil do local tendo com base as histórias do pai, além da sua vivência.
- A entrevista teve áudio gravado, com permissão da entrevistada.

Síntese da entrevista

Você sabe me dizer quando a comunidade começou e como foi?

A entrevistada não soube informar sobre a origem da comunidade, mas ressaltou que no ano de 1962 seu pai (Sr. Arnaldo) já estava no local e a região estava em processo de ocupação. As pessoas montavam seus barracos, em locais que estavam vazios.

“O pessoal chegava, perguntava se tinha alguém que ocupava o espaço, não tinha ninguém, eles iam se alojando ali mesmo. Construía o barraquinho, deixava, vinha, ficava dias, via que dava para ficar e fica fixo”

Há quanto tempo você mora na comunidade?

A entrevistada mora no local há 37 anos, desde seu nascimento, uma vez que seu pai foi um dos pioneiros da comunidade. Sempre morou no local, nunca residiu em outro bairro do município, apenas saiu da casa de seus pais para outra residência (atualmente vive em residência alugada)

Como era o local quando você chegou?

A entrevistada citou aspectos do local antes mesmo do seu nascimento, considerando as histórias contadas pelo seu pai que chegou ao local na década de 1960.

Comentou que o local era um grande brejo e tinham lagoas em todo entorno da comunidade e onde hoje está a Av. André Ramalho era um rio.

Afirmou que no local não tinha energia, muitos usavam lamparinas e algumas casas que tinha energia (da área regularizada situada ao lado da comunidade) emprestavam para as demais. Não havia asfalto, tudo era de barro. Também não tinha fornecimento de água e lembra que uma das proprietárias tinha um poço artesiano e deixava os moradores pegar água lá.

Ressaltou que em 1975 já se podia observar a viela. Também tinha água e energia, mas sem relógio (a entrevistada não soube detalhar, mas aparentemente era algo não legalizado, “puxado” de ligações legais).

No local, de maneira geral, podiam-se observar mais árvores. Os terrenos eram grandes e comumente as pessoas tinham plantações nos quintais, com o tempo é que os terrenos foram sendo divididos, vendidos, as árvores derrubadas e os quintais escassos.

Do outro lado do Rio Tamanduateí (lado oposto ao bairro) havia uma plantação de eucalipto (“calipal”) que perdurou até 1980, aproximadamente, e depois o local foi virando um “lixão” onde muitos descartavam toda sorte de material.

De acordo com a entrevistada em 1980 a região já era bastante ocupada, mas as casas eram “barracos” de madeira. Toda a ocupação do local ocorreu de maneira tranquila, pois foi feita por famílias e a comunidade tinha um controle.

“Antes não tinha energia elétrica, não tinha aquela viela que tem hoje. Era tudo barro, os moradores fizeram os próprios degraus para usar. A rua aqui em baixo não tinha asfalto ainda, nem iluminação pública, as casas usavam lampiões. Não tinha água, o pessoal buscava água aqui em baixo que tinha um poço artesiano”

“O rio já tinha (se referindo ao Rio Tamanduateí), já tinha avenida, mas do outro lado era o calipal, ali onde tem o Walmart, ali era tudo fechado de área verde. O pessoal chamava de matagal ali, ou lixão. Era onde as empresas vinham e jogavam restos de materiais lá. O pessoal reciclava, quem pegava lixo ia lá, era o lixão, próximo da linha do trem”

Quais foram as maiores mudanças que você observou na comunidade ao longo dos anos?

A entrevistada citou como maiores mudanças o aumento do movimento no local, que era antes uma comunidade mais tranquila e agora é ponto de passagem, a ampliação do comércio e serviços, e as questões voltadas à melhoria de infraestrutura.

Comentou que atualmente há diversas linhas de ônibus e que na década de 1960 ia-se para o centro da cidade a pé, chegando linhas de ônibus apenas em meados da década de 1970.

Citou a questão das redes de água e luz, mas não soube datar quando essas redes oficiais chegaram. Acredita que a o relógio de água só chegou em 2010.

Ressaltou que a maior ocupação do local foi na década de 1980, depois que a infraestrutura melhorou e que nessa década muitos começaram a dividir seus terrenos e vender lotes.

De acordo com a entrevistada, em 1986 as casas passaram a se transformar de “barracos” de madeira para alvenaria, porque a comunidade ficou mais segura de que ia permanecer no local. Nessa época, quando as pessoas começaram a investir em construções de alvenaria, de acordo com a entrevistada, a prefeitura voltou certa atenção ao bairro, controlando as construções.

Em relação à ocupação do local, principalmente no momento de maior intensidade, a entrevistada ressaltou que a comunidade fazia um cadastro dos moradores, um controle e as pessoas que encabeçavam essa organização eram: Sr. Reinaldo, Sr. Arnaldo e Sr. Gerson, juntamente com Padre Adrianus. A entrevistada acredita que esse cadastro está até hoje na prefeitura.

Em relação à organização comunitária a entrevistada citou também que no passado era diferente, a comunidade era organizada. Ressaltou a figura do Sr. Reinaldo e Padre Adrianus, comentando que o Sr. Reinaldo organizava reuniões e reivindicações junto à prefeitura. Comentou

também do sistema de alto-falantes do Sr. Reinaldo que avisa a comunidade de tudo, inclusive ele atendia as ligações do único orelhão do local e anunciava no alto-falante para o morador vir atender, isso por volta de 1995.

“Sempre foi uma coisa bem organizada (se referindo a ocupação), nunca teve briga, morte, essas coisas. Sempre foi tranquilo, porque só quem chega é criança e família mesmo, não tinha pessoas de bagunça, tinha muita criança e muita família. Então era um ambiente bem saudável, não tinha discussão, cada um pegava seu cantinho e ficava quietinho”

“A maior mudança que teve aqui foi a iluminação pública, que não tinha, o pessoal usou lampião durante um bom tempo”

“Na época tinha o Reinaldo, que era da viela de trás, era um dos coordenadores dentro da prefeitura, então ele que apoiava. Era meu pai (Sr. Arnaldo) o Gerson e o Reinaldo, que faziam a organização. Eles utilizavam a creche do Padre Adrianus para fazer as reuniões. Todo domingo tinha reuniões para estar organizando os barracos que eram feitos na região. Eles que faziam a ocupação do pessoal que chegava, fazia cadastro de quem entrava e quem saía, fazia um relatório.”

“Tinha um orelhão na época (1995), na viela (Padre Adrianus), que o Reinaldo anunciava. O pessoal ligava do interior, esses lugares, e tinha um alto falante na casa dele e ele anunciava: fulano de tal está ligando para não sei quem vir atender”

Existe alguma coisa que você pode destacar como a maior conquista da comunidade ou algo de melhor que aconteceu?

Para a entrevistada não houve uma grande conquista da comunidade. Ela comentou inclusive de lutas e demandas que não foram atendidas como, por exemplo, abertura de ruas para acesso de ambulância, bombeiro, etc...

Existe alguma coisa que você pode destacar como a pior coisa que a comunidade passou?

A entrevistada não citou nenhum fato marcante como algo ruim que a comunidade tenha passado. Comentou apenas de uma morte violenta, noticiada na TV, em local próximo a comunidade, que foi algo negativo e citou enchentes ocorridas ao longo de anos na parte baixa da comunidade.

O que tem de bom em morar aqui?

O melhor de morar no local, de acordo com a entrevistada, é a tranquilidade em relação a questão da segurança. Não há violência nem problemas com roubos ou furtos.

“A tranquilidade, apesar do pessoal falar da favela, sempre foi tranquilo. Nunca tivemos problemas com nada naquela parte. A gente nunca teve nada, pode entrar e sair quando quise

O que tem de ruim em morar aqui?

Como aspectos negativos do local a entrevistada citou a necessidade de melhorar a infraestrutura de algumas vielas, colocar corrimão, asfalto, acesso para deficientes. Nesse sentido comentou de uma das vielas que quando chove, desce muita água se tornando um local perigoso e desta maneira muitas pessoas ficam em casa, “presas”, com medo de cair ao ter que descer pelo local.

Também citou a necessidade de um melhor policiamento da praça do local, pois alega que alguns jovens usam drogas no espaço que seria destinado a comunidade e ao lazer das crianças. Neste sentido, citou também a falta de lazer e comentou que na época do Padre Adrianus, no Centro São Jorge, tinham muitas atividades para comunidade, o que não existe hoje.

Ressaltou também com negativo o movimento de carros da Rua Ipiranga, alegando que essa rua deveria ser mão única.

“Ali quando chove, vira uma cachoeira, você não passa ali, se você passar ali você cai. Da água que desce, demais. A água que desce da viela, se você está cá em baixo subindo, você cai, porque ela vem com muita força lá de cima. Então, dia de chuva forte não tem nem como sair de casa, desce uma água muito forte dali.”

Foto da entrevista

